

506

BIBLIOTÉCA DE A SEMEITEIRA

PÓLIO PINTO QUART.  
1436 B. 742

Pedro Krapótkine

# Os Bastidores das Guerras



*Pedro Krapótkine*

S.  
B742

Editora e proprietaria: A SEMEITEIRA

Composto e impresso na Tipografia A PUBLICIDADE  
Rua Diario de Noticias, 147 a 151  
LISBOA



Biblioteca d'A SEMENTEIRA

---

Pedro Krapótkine

# Os Bastidores das Guerras



*Pictographia*

XX COMPOSTO E IMPRESSO XX  
TYPOGRAPHIA A PUBLICIDADE  
DE SANTOS & C.<sup>A</sup> RUA DIARIO  
DE NOTICIAS 147 A 151. LISBOA

Editora e proprietaria  
XX A SEMENTEIRA XX  
Rua da Barroca, 94. 2.º



Já em 1882, quando a Inglaterra, a Alemanha, a Austria e a Romênia, «proveitando o insulamento da França, se tinham ligado contra a Rússia e estava prestes a estalar uma terrível guerra europeia, mostrávamos nós no *Révolté* quais eram os verdadeiros motivos das rivalidades entre Estados e das guerras daí provenientes.

São sempre rivalidades em tórno de mercados e do direito á exploração das nações atrasadas em industria que causam as guerras modernas. Na Europa já ninguêem se bate pela honra dos reis: lançam se os exércitos uns contra os outros pela integridade dos rendimentos dos Mui-Poderosos Senhores Rothschild ou Schneider, da Mui Respeitavel Companhia de Anzin, ou do Santissimo Banco Católico de Roma. Os reis já não entram em conta.

Efectivamente, todas as guerras que temos tido na Europa nestes cento e cincoenta anos teem sido guerras por interesses comerciais, por direitos á exploração.

\*

Quando se aproximava o fim do seculo 18, começavam a desenvolver-se em França a grande indús-

tria e o comércio mundial, apoiado em colónias na América (o Canadá) e na Ásia (nas Índias) e numa marinha de guerra. Então a Inglaterra, que já esmagara os seus concorrentes na Espanha e na Holanda, empenhando-se em reter para si só o monopólio do comércio marítimo, do poderio naval e das ricas colónias nas Índias, — afim de poder enriquecer pela venda monopolizada dos produtos da sua indústria, — aproveitou a revolução em França para começar contra esta uma série inteira de guerras. Vendo-se bastante rica para pagar os exércitos da Prússia, da Austria e da Rússia, fez á França uma sucessão de guerras terríveis, desastrosas, durante um quarto de século. A França teve que se sangrar em todas as veias para as sustentar; e só assim é que ela conseguiu manter o seu direito de permanecer «grande potencia». Isto é, reteve o direito de não se submeter a todas as condições que os monopolistas ingleses queriam impor-lhe no interesse do comércio deles e o de ter uma marinha e portos militares. Frustrada em seus planos de expansão colonial na América do Norte (perdera o Canadá) e nas Índias (onde tivera de abandonar as suas colónias), obteve em troca licença de fundar um império colonial na Africa (com a condição de não tocar no Egipto) e de enriquecer os seus monopolistas saqueando os árabes na Argélia.

Mais tarde, na segunda metade do século 19, coube a vez á Alemanha. Quando ali foi abolida a servidão em consequência das sublevações de 1848, e a abolição da propriedade comunal forçou os jovens camponeses a deixar em massa os campos pelas cidades, onde ofereciam os seus «braços desocupados» aos empresários de indústria por salários de famintos, — tomou vôo em diversos Estados alemães a grande indústria. Os industriais alemães em breve compreenderam que, dando-se ao povo uma boa educação realista, poderiam rapidamente alcançar

os países de grande indústria, como a França e a Inglaterra, — com a condição, claro está, de arranjar a Alemanha mercados vantajosos extra-fronteiras. Sabiam o que Proudhon tam bem demonstrara: que o industrial só consegue enriquecer seriamente exportando uma boa parte dos seus produtos para países onde os pode vender a preços que nunca poderiam ser atingidos no lugar de procedência.

Então em todas as camadas sociais da Alemanha, na dos explorados como na dos exploradores, — houve um desejo apaixonado de unificar a Alemanha a todo custo: de fazer dela um poderoso império capaz de manter um enorme exército, uma forte marinha, e conquistar portos no mar de Norte, no Adriático e — um dia — na África e no Oriente. Um império que pudesse ditar a lei económica na Europa.

Para isso, era evidentemente necessário despedaçar a força da França, que sem dúvida se oporia áquilo e que tinha ou parecia ter então poder para o impedir.

Daí — a terrível guerra de 1870, com todas as suas tristes conseqüências para o progresso universal, ainda hoje sofridas.

Com essa guerra e essa vitória alcançada sobre a França, constituiu-se finalmente um Império Alemão, êsse sonho dos radicais, dos socialistas e dos conservadores germânicos desde 1848, fazendo em breve sentir e reconhecer o seu poder político e o seu direito de ditar a lei na Europa.

Em breve a Alemanha, entrando num período impressionante de actividade juvenil, chegou com efeito a dobrar, triplicar, decuplar a sua produtividade industrial, e neste momento o burguês alemão cubiça novas fontes de enriquecimento por todas as partes: nas planícies da Polónia, nas pradarias da Hungria, nos planaltos africanos e sobretudo em redor da linha de Bagodad, — nos ricos vales da

A'sia Menor, que oferecerão aos capitalistas tudes-cos uma população laboriosa a explorar, sob um dos mais belos climas do mundo.

São pois portos de exportação e sobretudo portos militares, no Adriático mediterrâneo e no do Oceano Indico — o Golfo Pérsico — assim como na costa africana em Beira, e mais tarde no Oceano Pacífico, que os manejadores teutónicos de especulações coloniais, com o seu fiel servidor — o Império germânico, procuram agora conquistar.

Mas por toda a parte encontram esses novos conquistadores um rival formidável, o inglês, que lhes veda o caminho.

Empenhada em conservar a sua supremacia nos mares, empenhada principalmente em reter as suas colónias para a exploração pelos seus monopolistas; assustada ante as vitórias da política colonial do Império alemão e o rápido crescimento da sua marinha de guerra, a Inglaterra redobra de esforços para ter uma esquadra capaz de esmagar com certeza a frota alemã. Procura também aliados por todos os cantos, afim de enfraquecer o poderio militar da Alemanha em terra. E quando a imprensa inglesa semeia o alarma e aterroriza a nação fingindo temer uma invasão alemã, bem sabe ela que não é nisso que está o perigo. O que ela quer é poder lançar o exército regular inglês onde quer que a Alemanha ataque alguma colónia do Império britânico (o Egipto, por exemplo); depois de para isso se ter posto de acôrdo com a Turquia, e reter em casa um forte exército «territorial» que possa, em caso de necessidade, afogar em sangue qualquer revolta operária. E' principalmente para isso que se ensina a arte militar á juventude burguesa, agrupada em esquadras de batedores (*scouts*).

A burguesia inglesa pretende fazer hoje, com a Alemanha, o que fez por duas vezes para deter, por cincoenta anos ou mais, o desenvolvimento da Rús-



sia como potência marítima: uma vez, em 1855, com a ajuda da França e da Turquia, e outra vez, em 1900, lançando o Japão contra a marinha russa e o seu porto militar no Pacífico.

E daí o vivermos alerta de há dois anos para cá, na previsão duma colossal guerra europeia que pode estalar de um dia para o outro.

Além disso, não nos deve esquecer que a vaga industrial, marchando do ocidente para o oriente, invadiu também a Itália, a Áustria, a Rússia. E esses Estados veem a seu turno afirmar o seu «direito» — o direito dos seus monopolistas e dos seus privilegiados — á presa, na África e na Ásia.

O banditismo russo na Pérsia, o banditismo italiano contra os árabes do deserto em Trípoli e o banditismo francês em Marrocos, eis as consequências.

O concôrto de bandidos, a serviço dos monopolizadores, «permitiu» á França apossar-se de Marrocos, como permitiu aos ingleses empolgar o Egipto. «Permitiu» aos italianos apoderar-se de parte do Império otomano, para impedir que lhe deitasse as unhas a Alemanha; e permitiu á Rússia apanhar a Pérsia setentrional, para poderem os ingleses deitar a mão a um bom pedaço nas costas do Golfo Pérsico, antes que lá chegue o caminho de ferro alemão!

E para isso trucidam os italianos ignóbilmente os árabes inofensivos, e os sicários do tsar enforcam os patriotas persas que queriam regenerar a sua pátria com um pouco de liberdade política.

Que canalha a «gente honesta»!

## II

Vimos como todos os Estados, desde que na nação se desenvolve a grande indústria, são levados a procurar a guerra: são a isso impelidos pelos seus industriais, e até pelos trabalhadores, para conquistar novos mercados — novas fontes de enriquecimento fácil.

Se fôsse só isso! Mas hoje há em cada Estado uma classe — ou melhor, uma súcia—infinitamente mais poderosa ainda do que os empresarios de indústria e que também incita à guerra.

E' a alta finança, os grandes banqueiros que interveem nas relações internacionais e que fomentam as guerras.

Faz-se isso hoje de um modo simplicíssimo.

Em fins da idade média, tinham a maior parte das grandes cidades-repúblicas da Itália acabado por se endividar. Quando se viram no período de decadência, à fôrça de querer conquistar ricos mercados no Oriente, e quando esta conquista de mercados trouxe infindáveis guerras entre elas, vieram essas repúblicas a contrair dívidas imensas para com os seus próprios guias, grandes negociantes.

Produz-se hoje igual fenómeno com os Estados, aos quais vários sindicatos de banqueiros emprestam com toda a facilidade, afim de um dia lhes tomar como hipoteca os rendimentos.

E' especialmente, compreende-se, com os pequenos Estados que se faz isso. Os banqueiros emprestam-lhes a 7, 8, 10 por cento, sabendo que não «realizarão» o empréstimo senão a 70 ou 80 por cento. Daí resulta que, deduzidas as «comissões» dos bancos e dos intermediários — as quais absorvem 10 a a 20, ás vezes até 30 por cento, — o Estado não recebe sequer as três quartas partes das somas que êle inscreve no livro da dívida pública.

Sôbre essas somas, assim acrescidas tem o Estado endividado que pagar para o futuro juros e amortização. E quando o não faz no devido tempo, os banqueiros estão prontos a juntar as prestações e juros atrasados ao capital do empréstimo. Quanto mais mal andam as finanças do Estado devedor, mais insensatas são as despesas dos seus chefes — e mais de boamente lhe são oferecidos novos empréstimos. Depois disso, os banqueiros erigem-se um

dia em «consortium» para lançar as garras a certos impostos, a determinadas alfândegas, a tais ou tais linhas férreas.

Foi assim que os grandes financeiros arruinaram e depois fizeram anexar o Egipto pela Inglaterra. Quanto mais loucas eram as despesas do quédiva, mais as encorajavam. Era a anexação em pequenas doses.

Foi ainda do mesmo modo que arruinaram a Turquia, para lhe tirar pouco a pouco as suas províncias. O mesmo succedeu também, ao que nos dizem, quanto á Grécia, que um grupo de financeiros impeliu á guerra contra a Turquia, a fim de se empossar depois duma parte dos rendimentos da Grécia vencida.

E foi assim que a alta finança da Inglaterra e dos Estados Unidos explorou o Japão, antes e no decurso das suas duas guerras contra a China e a Rússia.

Em resumo, nos Estados emprestadores há uma organização completa, na qual governantes, banqueiros, promotores de companhias, especuladores e toda a gente equívoca, que Zola tam bem descreveu em *L'Argent*, se coadjuvam para explorar Estados inteiros.

Onde os ingénuos julgam descobrir profundas causas políticas, ou ódios nacionais, o que há apenas são os conluios tramados pelos sibiusteiros da finança. Estes tudo exploram: rivalidades políticas e económicas, inimizades nacionais, tradições diplomáticas e conflitos religiosos.

Em todas as guerras dêste ultimo quarto de século se acha o dedo da alta finança. A conquista do Egipto, a anexação de Trípoli, a occupação de Marrocos, a partilha da Pérsia, as guerras do Japão — por toda a parte se encontram os grandes bancos; — por toda a parte teve voto decisivo a alta finança. E se até hoje não estalou ainda a grande guerra europeia é porque a alta finança hesita. Não sabe bem

para que lado penderá a balança dos bilhões que serão arriscados: não sabe em que cavalo há-de jogar os seus bilhões.

Quanto ás centenas de milhares de vidas humanas que a guerra custará,—que importa isso à finança? O espirito do financeiro raciocina com milhões,—com colunas de algarismos que se equilibram mutuamente. O resto não é da sua competência: não possui sequer a imaginação precisa para meter as vidas humanas nos seus raciocínios.

Que mundo ignóbil a desvelar, se alguêm se desse apenas ao trabalho de estudar os bastidores da alta corja da finança! Esse mundo é adivinhado, só pela pontinha de véu soerguido por Lysis em seus artigos de *La Revue* (aparecidos em 1908 em volume sob o titulo de: *Contra a oligarquia financeira em França*),

Vê-se, com effeito, por esse pequeno trabalho, como quatro ou cinco grandes bancos,—o *Crédit Lyonnais*, a *Société Générale*, o *Comptoir National d'Escompte* e o *Crédit Industriel et Commercial*,—possuem em França o monopólio absoluto das grandes operações financeiras.

A maior parte—perto de oito décimos da economia franceza, que se eleva anualmente a cêrca de dois bilhões de francos, é depositada nesses grandes bancos; e quando os Estados estrangeiros, grandes e pequenos, as companhias ferro-viárias, as cidades, as companhias industriais das cinco partes do mundo se apresentam em Paris para realizar um empréstimo é a êsses quatro ou cinco grandes bancos que se dirigem. Esses bancos teem o monopólio dos empréstimos estrangeiros e dispõem do mecanismo necessário para os fazer escumar.

É evidente que não foi o talento dos directores de tais bancos que lhes criou esta situação lucrativa. Foi o Estado,—primeiramente o govêrno francês, que deu a êstes bancos a sua garantia e consti-

tuin para êles uma situação privilegiada, que em breve se fez monopólio. E depois foram os outros Estados, os Estados solicitadores, que reforçaram êsse monopólio. Assim o Crédit Lyonnais, que monopoliza os empréstimos russos, deve esta situação privilegiada aos agentes financeiros e aos ministros das finanças do governo russo.

As especulações efectuadas por essas quatro ou cinco sociedades cifram se em bilhões. Assim, em dois anos, 1906 e 1907, distribuíram elas em empréstimos diversos sete bilhões e meio,—7.500 milhões, dos quais 5.500 em empréstimos estrangeiros (Lysis, p. 101). E quando se vem a saber que a «comissão» dessas companhias, ao organizarem empréstimos estrangeiros, é de 5 % para o «sindicato *d'apporteurs*» (os que «trazem» novos empréstimos), 5 % para o sindicato de garantia, e 7 a 10 % para o sindicato, ou antes, para o *trust* das quatro ou cinco sociedades acima indicadas,—vê se que somas enormes tocam a êsses monopolistas.

Assim, um unico intermediário que «trouxe» o empréstimo de 1.250 milhões concluído pelo governo russo em 1906, afim de esmagar a revolução, recebeu por isso uma comissão de doze milhões!

Compreende-se dêste modo que influência oculta os grandes directores dessas sociedades financeiras exercem sobre a política internacional, com a sua contabilidade misteriosa, com os plenos poderes que certos directores exigem e obteem dos accionistas — pois é indispensável muita discricção quando se pagam 12 milhões a um sr. Tulano, 250 mil francos a certo ministro, e tantos milhões, além das condecorações, à imprensa! Não há, diz Lysis, um só grande jornal de França que não seja pago pelos bancos. Compreende-se. Adivinha-se fácilmente quanto dinheiro foi preciso distribuir à imprensa, quando se preparava em 1906 e 1907 a série de empréstimos russos (do Estado, dos caminhos de ferro,

dos bancos terreaes). Que houve grande porção de plunitivos que comeram à tripa fôrra com esses empréstimos—mostra o o livro de Lysis. Que pechincha, na verdade! O govêrno dum grande Estado nas extremas! Uma revolução a esmagar! Isso não se encontra aos pontapés!

Pois bem! todos sabem isso, mais ou menos. Não há um só político que não conheça por dentro todas essas manigâncias e que não ouça nomear em Paris as mulheres e os homens que «palparam» pingues gratificações após cada empréstimo, grande ou pequeno, russo ou brasileiro.

E não há quem, tendo o menor conhecimento dos negócios, não saiba também perfeitamente o quanto toda esta organização da alta finança é produto do Estado—*um attributo essencial do Estado*.

E havia de ser êsse Estado,—o Estado ao qual êles se absteem cuidadosamente de diminuir os poderes ou reduzir as attribuições,—que, na ideia dos reformadores estatistas, deveria fazer-se instrumento de emancipação das massas?! Ora vamos!

Estup dez, ignorancia, ou velhacaria,—qualquer dessas três explicações torna imperdoável tal afirmação.

### III

Desçamos agora mais um degrau, e vejamos como o Estado criou na indústria moderna uma classe completa de gente directamente interessada em fazer das nações campos militares, prontos a cair uns sôbre os outros.

Neste momento, existem, com efeito, indústrias imensas que ocupam milhões de homens e que só existem para preparar o material de guerra; donde resulta terem os proprietários dessas oficinas e seus banqueiros o maior interesse em preparar guerras e em manter o temor das guerras prestes a estalar.

Não se trata aqui do peixe miudo,—dos fabricantes de armas de fogo de má qualidade, de espadas

baratas e de revólveres que negam sempre fogo, como os há em Birmingham, em Liège, etc. Esses quase não se contam já, embora o comércio de tais armas, feito pelos exportadores que especulam sobre as guerras «coloniais», seja já de certa importância. Assim, é sabido que alguns negociantes ingleses forneciam armas aos matabeles, quando estes se preparavam para se sublevar contra os ingleses que lhes impunham a servidão. Mais tarde, foram fabricantes franceses, e mesmo fabricantes ingleses bem conhecidos, que enriqueceram remetendo armas, canhões e munições aos bures. E neste mesmo momento, tala-se de grandes quantidades de armas importadas pelos comerciantes ingleses da Arábia, —o que trará sublevações de tribos, o saqueio contra alguns negociantes e—a intervenção inglesa, afim de «restabelecer a ordem» e realizar alguma nova «anexação».

Estes pequenos factos, aliás, já não fazem moesa. Bem se sabe o que vale o «patriotismo» burguês, e viram se recentemente coisas muito mais graves. Assim, durante a última guerra entre a Rússia e o Japão, o ouro inglês abastecia os japoneses, para que estes destruíssem o poder marítimo nascente da Rússia no Oceano Pacífico, poder que fazia sombra à Inglaterra. Mas, por outro lado, as companhias hulheiras inglesas vendiam à Rússia, a preço elevadíssimo, 300 mil toneladas de carvão, permitindo-lhe enviar ao Oriente a esquadra de Rojdestvensky. Com uma cajadada matavam-se dois coelhos: as companhias do País de Gales faziam um belo negócio e os financeiros de Lombard Street (o centro das operações financeiras em Londres) colocavam o seu dinheiro a 9 ou 10 % no empréstimo japonês, recebendo como hipoteca uma boa parte dos rendimentos dos seus «queridos aliados!»

E tudo isso são apenas alguns pequenos factos em outros mil do mesmo género. Havíamos de as saber bonitas a respeito de todo esse mundo dos nossos governantes, se os burgueses não soubessem guar-

dar bem os seus segredos! — Passemos pois a outra categoria de factos.

\*

Sabe-se que todos os grandes Estados favoreceram o estabelecimento, ao lado dos seus arsenais, de imensas oficinas privadas que fabricam canhões, blindagens de couraçados, vasos de guerra de menores dimensões, obuses, pólvora, etc. Todos os Estados despenderam somas enormes para ter essas oficinas auxiliares, onde hoje se acham concentrados os mais hábeis operários e engenheiros.

Ora é evidentíssimo ser do interesse directo dos capitalistas que nessas empresas colocaram os seus capitais manter sempre beatos de guerra, instigar sem pausa aos armamentos, semear, sendo preciso, o pânico. E' o que elles fazem, com efeito.

E se as probabilidades duma guerra europeia diminuem em certos momentos, se os governantes, — embora também interessados como accionistas das grandes oficinas deste género (Anzin, Krupp, Armstrong, etc.), assim como das grandes companhias ferro-viárias, das minas de carvão, etc., — se os governantes se fazem às vezes rogados para tocar a fanfarra guerreira, não há essa prostituta — a grande imprensa — para preparar os espiritos para novas guerras, precipitar as que são prováveis, ou, pelo menos, forçar os governos a dobrar, a triplicar os seus armamentos? Assim, não se viu na Inglaterra, nos dez anos que precederam a guerra dos bures, a grande imprensa, e sobretudo os seus adjuntos na imprensa ilustrada, afazer sábiamente os espiritos à necessidade duma guerra «afim de despertar o patriotismo»? Para êsse intuito tudo serviu. Publicaram-se com grande ruído romances sôbre a próxima guerra, nos quais se contava como os ingleses, a princípio batidos, faziam um supremo esforço e acabavam por destruir a esquadra alemã e instalar-se em Roterdão. Um lorde gastou quantias loucas para fazer representar por toda a Inglaterra uma peça



patriótica, estúpida demais para se sustentar de per si, mas necessária a esses cavalheiros que traficavam com Rhodes na Africa. Olvidando tudo, chegou-se mesmo a fazer ressurgir o culto—sim, o culto—do inimigo jurado da Inglaterra, Napoleão I. E desde então, nunca mais cessou o trabalho nesta direcção. Em 1904, quase se conseguiu lançar a França, governada então por Clemenceau e Delcassé, numa guerra contra a Alemanha—tendo o governo conservador (lord Lansdown) prometido apoiar os exércitos franceses com um corpo de exército inglês enviado à Belgica! Bem pouco faltou nesse instante para que Delcassé, ligando a esta promessa risível uma importância que ela certamente não tem, despenhasse a França numa guerra desastrosa.

Em geral, quanto mais avançamos na nossa civilização burguesa e católica, mais se aplica a imprensa deixando de ser a expressão do que se chama a opinião pública, a fabricar ela mesma a opinião pelos processos mais infames. A imprensa, em todos os grandes Estados, são já dois ou três sindicatos de remexedores de especulações, fazendo a opinião que lhes é precisa para as suas negociações. Os grandes jornais pertencem-lhes e o resto é quantidade desdenhável.

Mas não basta: a gangrena é mais profunda ainda.

As guerras modernas já não são apenas o morticínio de centenas de milhares de homens em cada batalha, — morticínio do qual os que não seguiram os pormenores das grandes batalhas na guerra da Manchúria e os particulares atozes do cerco e defesa do Porto-Artur, não fazem absolutamente ideia alguma. E no entanto, as três grandes batalhas históricas, — Gravelotte, Potomack e Borodino (Moskova), que duraram três dias cada uma, havendo dos dois lados cen. mil mortos ou feridos, eram brinquedos ao pé das guerras modernas. As grandes batalhas fazem-se hoje numa frente de cinquenta,

sessenta quilómetros; duram, não já três, mas sete dias (Liao-Yang), dez dias (Mukden), e as perdas são de cento e cinquenta mil homens *de cada lado*. Os estragos feitos pelas granadas atiradas com precisão por baterias colocadas a cinco, seis, sete quilómetros, das quais nem a posição se pode descobrir graças à pólvora sem fumo, são inauditos. Quando o fogo de algumas centenas de peças está concentrado sobre um quadrado de um quilómetro de lado (como se faz hoje), não fica um espaço de dez metros quadrados sem receber a sua granada uma moita que os monstros ululantes vindos não se sabe donde não hajam arrasado. Após sete ou oito dias dêsse fogo terrível, apodera-se dos soldados a loucura, e quando as colunas dos assaltantes chegam às trincheiras inimigas, trava-se então a luta corpo a corpo entre os combatentes. Depois de uns aos outros terem arremessado granadas portáteis e pedaços de piroxilina (empregavam-se como uma funda dois bocados de piroxilina atados por um cordel), os soldados russos e japoneses rolavam nas trincheiras de Porto-Artur como bestas-feras, ferindo-se à coronhada, à facada, às dentadas...

Os trabalhadores ocidentais não suspeitam sequer o que seja esse terrível regresso à mais horrível selvajaria representada pela guerra moderna, e os burgueses que o sabem absteem-se cuidadosamente de lho dizer.

Mas a guerra moderna não é só a carnificina, a loucura do homicídio, o regresso, durante o morticínio, à selvajaria. É também, numa escala colossal, a destruição do trabalho humano; e os efeitos desta destruição, sentimo-los entre nós continuamente, *em tempo de paz*, por um aumento de miséria para os pobres e pelo enriquecimento paralelo dos ricos.

Cada guerra é a destruição dum material formidável, que compreende não só o material de guerra

própriamente dito, mas também as coisas mais necessárias à vida cotidiana de toda a sociedade: pão, carnes, legumes, géneros de todas as espécies, béstas de tiro, couro, carvão, metais, vestuário. Tudo isso representa o trabalho útil de milhões de homens durante dezenas de anos, e tudo isso será desperdiçado, queimado, atirado à água, dentro de poucos meses. Mas hoje mesmo é já malbaratado, na previsão das guerras.

E como esse material de guerra, esses metais, essas provisões devem preparar-se com antecedência, a simples possibilidade próxima duma nova guerra traz a todas as nossas indústrias sobressaltos e crises que nos atingem a todos. Eu, vós, cada um de nós lhe sente os efeitos nos mínimos particulares da nossa vida. O pão que comemos, o carvão que queimamos, o bilhete de caminho de ferro que compramos, os preços dessas coisas, os preços das outras, dependem das probalidades de guerra a breve prazo, dos boatos propagados pelos especuladores.

#### IV

Mostrámos como a necessidade de preparar de antemão um formidável material de guerra e montões de provisões diversas, para serem destruídas em poucos meses em caso de guerra, produz em todas as indústrias sobressaltos e crises, que todos, sobretudo os salarizados, sentem duma forma terrível. Foi, com efeito, o que recentemente se viu muito bem nos Estados Unidos.

Está sem dúvida na memória de todos a terrível crise industrial que assolou os Estados Unidos durante estes três ou quatro últimos anos. Em parte, dura ainda. Pois a origem dessa crise, — não obstante o que dela disseram os «sábios» economistas que conhecem os escritos dos seus predecessores, mas ignoram a vida real, — a verdadeira origem desta crise esteve na produção furiosa das principais indústrias, realizada durante alguns anos

na previsão duma guerra entre as grandes potências europeias e de outra guerra entre os Estados Unidos e o Japão. Os que instigavam a essas guerras sabiam muito bem o efeito que a expectativa de tais conflitos havia de exercer sobre as indústrias norte-americanas. Foi, na verdade, durante dois ou três anos, uma actividade febril na metalurgia, nas minas de carvão, no fabrico de material ferro-viário, de materiais para o vestuário, de conservas alimentícias.

A extracção do minério de ferro e o fabrico do aço nos Estados Unidos atingiram durante êsses anos, proporções inteiramente inesperadas. E' sobretudo aço o que se consome nas guerras modernas, e os Estados Unidos faziam dele provisões fantásticas, e bem assim dos metais exigidos, como o níquel e o manganés, para o fabrico das qualidades de aço necessárias para o material de guerra. Todos os homens de negócio, à porfia, tratavam de especular sobre os abastecimentos de ferro fundido, de aço, de cobre, de chumbo e de níquel.

O mesmo succedeu quanto ás reservas de trigo, conservas de carne, de peixe, de legumes. Logo após vinham os algodões, os panos, os couros. E como cada grande indústria faz viver a seu lado uma porção de outras pequenas, espalhava-se a febre duma produção muito superior à procura. Os prestadores de dinheiro (ou antes, de crédito), que alimentavam esta produção, lucravam com a febre — é claro — ainda mais que os chefes de indústria.

E então tudo parou de golpe, duma vez, sem que se pudesse invocar uma só das causas às quais se tinham atribuído as crises precedentes. O facto é que, no dia em que a alta finança europeia se persuadiu de que o Japão, arruinado pela guerra na Manchúria, não ousaria atacar os Estados Unidos, e nenhuma nação europeia se sentia bastante certa da vitória para desembainhar a espada, os capitalistas europeus recusaram novos créditos aos prestamistas americanos que alimentavam a sobrepre-

dução na previsão da guerra, assim como aos «nacionalistas» japoneses.

«Já não temos guerra para breve!» — e as oficinas do aço, as minas de cobre, os altos fornos, os estaleiros, os cortumes, os especuladores em géneros, todos suspenderam de repente as suas operações, as suas encomendas, as suas compras.

Foi então mais do que uma crise: foi um desastre! Milhões de operários e de operárias foram lançados à rua na mais horrorosa das misérias. Fechavam-se as oficinas grandes e pequenas, espalhava-se o contágio como numa epidemia, semeando o terror a toda a volta.

Quem dirá jamais os sofrimentos dos milhões de homens, mulheres e crianças, as vidas despedaçadas, com que foram edificadas as riquezas dos maldadros que tinham especulado na expectativa dos montões de cadáveres humanos e carnes dilaceradas que iam acumular-se nas grandes batalhas?

Eis o que é a guerra, eis como o Estado enriquece os ricos, mantém os pobres na miséria e os torna, de ano para ano, cada vez mais escravos dos ricos.

Agora, segundo todas as probabilidades, vai produzir-se na Europa, e principalmente na Inglaterra, em virtude das mesmas causas, uma crise semelhante à dos Estados Unidos.

Todos ficaram estupefactos no verão de 1911 com o aumento súbito e inteiramente imprevisível das exportações inglesas. Nada no mundo económico o deixava prever; nenhuma explicação se deu dela, — precisamente porque a única explicação possível era virem do continente imensas encomendas na previsão duma guerra anglo germânica. Essa guerra, como se sabe, esteve a ponto de estalar em julho de 1911, e se tivesse rebentado, a França e a Rússia, a Austria e a Itália ter-se-iam visto forçadas a tomar parte nela.

E' evidente que os grossos financeiros que com o

seu crédito sustentavam os especuladores em géneros, panos, couros, metais, etc., tinham sido avisados da feição ameaçadora tomada pelas relações entre as duas rivais. Sabiam como os dois governos activavam os seus preparativos militares, e apresaram-se a fazer as encomendas que engrossaram além de todas as marcas as exportações inglesas em 1911.

Mas é ainda à mesma causa que devemos essa recente alta extraordinária dos preços de todos os géneros sem excepção, quando nem o rendimento das colheitas, nem as quantidades de todas as espécies de mercadorias em depósito justificavam tal subida. O facto é; aliás, que a alta dos preços não se estendeu só aos géneros: *todas* as mercadorias foram por ela atingidas, e a procura crescia sempre, embora nada explicasse tal procura exagerada, a não ser a prevenção duma guerra.

E agora bastará que os grandes especuladores coloniais da Inglaterra e da Alemanha cheguem a acôrdo sôbre os seus quinhões na partilha da Africa oriental, — que se entendam sôbre «as esferas de influência» na Asia, isto é, sôbre as conquistas próximas, para que na Europa se produza a mesma paragem repentina das indústrias que se viu nos Estados Unidos.

No fundo começa já a fazer-se sentir essa paragem. E' por isso que na Inglaterra as companhias hulheiras e «os lordes do algodão» se mostram tam intransigentes ante os operários, impelindo os para a greve. Futuram uma diminuição de pedidos, e teem já mercadorias demais armazenadas, demasiado carvão amontoado em tórno das suas minas.

Quando se analisamde perto estes factos da actividade dos Estados modernos, compreende-se até que ponto toda a vida das nossas sociedades civilizadas depende — não dos *factos* do desenvolvimento económico das nações, mas *do modo como diversos*

*meios de privilegiados, mais ou menos favorecidos pelos Estados, reagem sobre tais factos.*

Assim, é evidente que a entrada, na arena económica, de tam poderoso produtor como é a Alemanha moderna, com as suas escolas, a sua educação técnica derramada às mancheias no povo, o seu impeto juvenil e as capacidades de organização do seu povo, devia mudar as relações entre nações. Devia produzir-se um novo ajustamento das forças. Mas em vista da organização específica dos Estados modernos, o ajuste das forças económicas é estorvado por novo factor: os privilegios, os monopólios constituidos e mantidos pelo Estado. No fundo, é sempre a alta finança que dita a lei em todas as considerações politicas. O «que dirá a isto o barão de Rothschild?», ou antes o «que dirá o Sindicato dos banqueiros de Paris, de Viena, de Londres?» tornou-se elemento dominante nas questões politicas e nas relações entre nações. E' a aprovação ou desaprovação da finança que faz e desfaz os ministérios (na Inglaterra, há a mais aprovação da Igreja oficial e dos taberneiros a encarar, mas a Igreja e os taberneiros estão sempre de accôrdo com a alta finança, que se abstêm cuidadosamente de lhes tocar nos rendimentos). E como um ministro é afinal um homem que tem apêgo ao seu logar, ao seu poder, às possibilidades de enriquecimento que êles lhe oferecem — segue-se que as questões de relações internacionais se reduzem hoje em última análise a saber se os favoritos monopolistas de tal Estado vão tomar esta ou aquela atitude ante outros favoritos do mesmo calibre de outro Estado.

Assim o estado das forças postas em jôgo é dado pelo grau do desenvolvimento técnico das diversas nações, em certo momento da história. Mas o uso que se fará de tais forças depende inteiramente do estado de escravização ao seu govêrno e à forma estatista de organização, ao qual se deixaram reduzir as populações. As forças que poderiam dar a harmonia, o bem-estar e uma nova efflorescência duma

civilização libertária, — uma vez metidas nos quadros do Estado, isto é, duma organização desenvolvida especialmente para enriquecer os ricos e absorver todos os progressos em proveitos das classes privilegiadas, — essas mesmas forças tornam-se instrumentos de opressão, de miséria, de privilégio, e de guerras sem fim para enriquecimento dos privilegiados.

(Traduzido sobre a brochura *La Guerra*, edição de *Les Temps Nouveaux*, 4, rua Broca, Paris).

Hoje as questões de nacionalidade, assim como de formas de governo, não passam de questões acessórias. É a questão económica que sobrepuja tudo. E isto é tam verdadeiro, que, em proveito dos capitalistas, é ainda ela que se esconde sob as questões políticas e nacionais.

*Jean Grave*

A febre comercial desenvolveu ainda outros males e tão horribéis como são as carnificinas guerreiras.

*Ch. Letourneau*

A guerra e a conquista não podem ser vantajosas á comunidade. Tendem a elevar um pequeno numero á custa dos outros e por consequencia nunca serão empreendidas senão onde a mesma fôr instrumento da minoria.

*W. Godwin*

A guerra é a escola da tirania. Os louros de Napoleão foram para a emancipação europeia um seculo de atraso.

*Boucher de Perthes*



Os exercitos foram criados em apparencia para conter o estrangeiro, mas em realidade para opprimir o habitante.

*J. J. Rousseau*

O militarismo é a guerra viva contra a paz.

*Comendador Antonio Joaquim Bastos*

O amor da patria é uma mistificação.

*Afonso Karr*

O patriotismo é uma comedia democratica.

*José de Maistre*

As leis produzem as guerras e as guerras arrebatam uma parte dos habitantes do mundo.

*Linguet*

A nacionalidade é uma ficção absurda e perigosa; a ideia patriotica e a ideia religiosa são superstições inventadas para conduzir e sustar o povo.

*Kleurich*

As nações estão destinadas a fundir-se para formar uma só que destrua as fronteiras.

*Chevreuil*

E' muito util que nos despojemos de duas aquizições perigosas: das ideias de religião e de patria. Não ha nada que tanto detenha o desenvolvimento intelectual como estes dois mitos.

*Engerraud*

Não ha o direito de opôr os interesses da Patria aos interesses da Humanidade.

*Emilio Castelar*

O genero humano durará sempre, a patria deve acabar.

*Diderot*

Já não ha patria; de um a outro polo não vejo mais que tiranos e escravos.

*Diderot*

O homem já não é francês, inglês romano ou bar-  
baro. As fronteiras das nações desmoronam-se em pó.

*A. Lamartine*

Não nos incômodeis por uma bandeira, pois que ela não é mais do que tres tiras de pano suspensas na ponta dum pau.

*J. Simon*

E' sobretudo na boca dos opressores dos povos e dos tiranos ambiciosos que retine o nome da patria.

*Marmontel*

O sentimento da bandeira é um sentimento piegas.

*João de Deus, filho*

Ser patriota é desejar que a patria enriqueça pelo comercio e seja poderosa pelas armas; é desejar o mal dos vizinhos.

*Voltaire*



940

# A Sementeira

MENSARIO DE CRITICA E SOCIOLOGIA

Publica-se com o esforço voluntario de todos  
os que simpatizam com a sua propaganda

Por assinatura — Pagamento adiantado

EM PORTUGAL		NOUTROS PAÍSES	
Ano.....	24 centavos	Ano.....	36 centavos
Semestre....	12 "	Semestre....	18 "
Avulso.....	2 "	Avulso.....	3 "

Cobrança pelo correio, á conta do assinante.  
Para revenda: 50 exemplares, 70 centavos.

## AS NOSSAS BROCHURAS

- H. Malatesta-*Em tempo de eleições*..... (esgotado)  
C. de Lisle-*A propriedade e o socialismo*.. 2 centavos  
P. Krapótkine-*O governo revolucionario e os direitos politicos*..... 2 "  
P. Delessalle-*A confederação do trabalho*.. 3 "  
R. Mella-*Aos camponeses*..... "  
P. Krapótkine-*Os bastidores das guerras*.. "

Pedidos de 10 exemplares, 20 por cento de desconto, de 50 exemplares, 30 por cento de desconto. Pedir-se-ão prontamente destas ou de qualquer outra publicação, unicamente quando solicitados da respectiva importancia e dirigida á administração d'A Sementeira, Rua da Mouraria, 94, 2.º—Lisboa—Portugal.

I.C.

P.G. 1736